

## O PROCESSO INFERENCIAL NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO NA MÍDIA

Verônica Palmira Salme de ARAGÃO\*  
Maria Aparecida Lino PAULIUKONIS\*\*

**RESUMO:** *Este trabalho privilegia a análise dos elementos que retomam o referente sem qualquer explicitação gramatical – o processo de coesão. Por meio deste, o leitor reconhece uma retomada pela ativação de sua competência implícita de coerência semântico-contextual, para isso, são necessários conhecimentos de mundo e postura ativa por parte do sujeito, ou seja, uma plena interação entre enunciador e interlocutor. Nesse sentido, a Análise Semiolingüística do Discurso fundamenta esta pesquisa, já que ela aponta conceitos, como o de contrato comunicativo, estabelecidos nessa relação. Nessa primeira etapa, serão analisados textos opinativos do Jornal do Brasil de 2004, considerando o amplo público atingido por esse corpus. Verificar-se-á como o referente é construído textualmente, quais os instrumentos empregados pelo enunciador que podem prejudicar a compreensão. A coerência referencial (ou remissiva) é abordada por diversos autores, os quais prescrevem particularidades em todos os âmbitos gramaticais – semântico, morfológico, sintático, lexical e discursivo – e propõem novas nomenclaturas. Para esta pesquisa, as propostas de Koch (1992) foram as mais satisfatórias, pois contemplou plenamente o corpus coletado.*

**Palavras-chave:** coesão; remissão não-referencial; formas presa e livre; contexto; conhecimento de mundo.

O jornal impresso é uma das maiores fontes de acesso à informação, logo sua importância para os estudos de textos é vital, uma vez que vincula realidade à linguagem. Esse veículo de informação possui estruturação própria voltada para o consumo de um público-leitor variado com propriedades muito particulares, como a capa, o editorial, as charges, os artigos e outras partes com funções próprias. Responsável pela divulgação dos fatos mais importantes ocorridos na sociedade em tempo volátil, oferece ao leitor informações transmitidas por pessoas reconhecidas na sociedade, portanto que tem legitimidade, o que lhes tornam propagadoras de opiniões, seguidas por

---

\* Especializanda em Estudo de Texto: Leitura, Produção Textual e Ensino de Português pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. [vena\\_salme@yahoo.com.br](mailto:vena_salme@yahoo.com.br)

\*\* Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta IV do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso. [aparecidalino@terra.com.br](mailto:aparecidalino@terra.com.br)

muitos e questionadas por outros – as cartas dos leitores são um exemplo desse último. É na linguagem desses profissionais da palavra que se fundamentará a análise referencial proposta neste trabalho.

Conta-se, hoje, com um suporte teórico considerável a respeito da coesão referencial, tendo sido matéria de grandes estudiosos na área de Linguística Textual, como Mira Mateus *et alii* (1983), Fávero e Koch (1985), Koch & Travaglia (1992), Fávero (1997) e Marcuschi (1998 e 2002), entre outros. Atualmente, muitos estudos de coesão encaminham-se para um exame que vai além dos aspectos gramaticais e/ou microtextuais e analisam os elementos extratextuais que interferem no discurso. Marcuschi (1998), por exemplo, apresenta algumas propostas de estudos da referenciação no âmbito da cognição.

O processo referencial denominado coesão é responsável pela retomada de elementos em um determinado discurso, porém nem sempre esse processo é facilmente identificado na superfície textual. Para isso, muitas vezes, é necessária a aplicação de competências não só gramaticais, mas também semântico-discursivas que envolvem o conhecimento de mundo e outros aspectos pragmáticos.

É nesse sentido que, nesta pesquisa, observar-se-á a situação comunicativa cuja interpretação transpõe a superfície textual, processo aqui denominado *inferencial*. Neste, exige-se postura ativa por parte do leitor que interage junto ao enunciador; este, por sua vez, exprime-se supondo um conhecimento partilhado com o leitor que naturalmente ativa seu conhecimento de mundo por meio de uma atitude colaborativa.

A noção de linguagem como espaço interativo e a associação com todos os seus aspectos extralingüísticos que envolvem o indivíduo e as instâncias sociais baseiam-se nos pressupostos da Análise do Discurso Comunicacional, doravante ADC, área que orienta esta pesquisa. O enfoque tem como embasamento a corrente da Semiolingüística, proposta por Patrick Charaudeau (1992, 1996), teoria que contribuirá para uma análise dos aspectos lingüístico e situacional dos textos analisados. Charaudeau (2003, p. 7) apresenta como objetivo da ADC “descrever a maneira pela qual se articulam, de um lado, a materialidade da linguagem, através do estudo das marcas formais, e de outro, o sentido social, através da análise do que se entende por imaginários sociais”.

Em uma primeira etapa da pesquisa, colheu-se material teórico ao mesmo tempo em que se coletavam exemplos tirados de jornais acerca da coesão. Verificou-se que alguns autores que trataram do assunto enfatizaram o enfoque dado à referência nominal, o que significa que resta um amplo campo de pesquisa a ser analisado. Surgiu, portanto, o interesse por um aspecto da coesão pouco estudado: o aspecto inferencial<sup>1</sup> sem o respaldo lingüístico explícito.

---

<sup>1</sup> Segundo Marcuschi (2002), a inferência ocorre através de relações, procurando sempre explicitar o implícito.

Para a composição do *corpus*, optou-se pelo *Jornal do Brasil* não apenas pelo seu prestígio, mas principalmente por tratar-se de um jornal de grande circulação e responsável pela importância da linguagem empregada como modelo social. Os exemplos coletados são todos do mês de janeiro de 2004, sendo a escolha aleatória, e a composição do *corpus* constitui em média quinze textos. Espera-se, ao final da pesquisa, que sejam feitas propostas de aplicação dos resultados obtidos ao ensino da produção textual.

### **Pressupostos Teóricos**

A Análise do Discurso, para Charaudeau (2003, p. 7), consiste “no estudo da relação entre linguagem, sentido e lugar social”. Com a ascensão desse campo de estudo, vários conceitos importantes passam a ser considerados, como Discurso, Enunciação, Enunciador e Enunciatório cuja interação se dá numa “mise-en-scène” lingüístico-social. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão do texto como discurso, ou como uma unidade dinâmica de sentido, resultante da intersubjetividade. Assim, cada texto envolve uma situação interativa, o que o institui como um discurso que no momento de interação com um enunciador, passa ao *status* de Enunciação. Por outro lado, aquele que produz um enunciado sempre deixa suas marcas pelo modo que enuncia o discurso, daí sua denominação de Sujeito Enunciador.

Segundo a Semiolingüística, sob a análise de Pauliukonis (2003, p. 1): “o sentido é resultante de uma operação discursiva dos sujeitos discursivos a partir de uma situação determinada, regulada por um contrato comunicativo”. Assim, um enunciado constitui-se da ação de sujeitos ativos, tanto aquele que produz o discurso preocupado em se fazer entender, como aquele que reconstrói o texto em uma atitude interpretativa e colaborativa.

No jornal, o sujeito enunciador reconhece o seu direito à fala e considera a pertinência do saber, buscando explicitar as informações necessárias e empregando os implícitos quando possível para não perder a credibilidade. É baseado neste princípio que se avaliará o processo da coesão nos textos jornalísticos para verificar o grau de exigência feito pelo sujeito-enunciador em função do comprometimento com a compreensão do texto em relação ao sujeito interpretante. Dessa forma, Charaudeau (1996: 33) declara que a credibilidade:

(...) não é dada, mas adquirida, e pode ser, a todo momento, rediscutida. Ela representa uma capacidade de capitalizar uma autoridade de fato, pela demonstração de um saber fazer (competência). Ela é fundadora do direito à palavra, já que a legitimidade tem necessidade de ser firmada por ela e, às vezes, esta pode ser rediscutida por aquela.

Entretanto, essa competência pode ser limitada pelas condições impostas ao enunciador, uma vez que o espaço enunciativo de um jornal possui imposições espacial, temporal, situacional (temática) dentre outras. Cabe ao

enunciador mediar, através do princípio de pertinência, ou seja, da credibilidade, a veiculação das informações, considerando, em casos de inferenciação, o princípio de expectativa de sentido por parte do leitor para não correr o risco de omitir informações imprescindíveis ao discurso.

Assim como, as noções de contrato comunicativo e de interação discursiva, propostas por Charaudeau, merecem atenção, ainda, a noção de coerência discutida por Fávero (1997, p. 60) que afirma: “um texto não é em si coerente ou incoerente; ele o é para um leitor/alocutário numa determinada situação”. Contudo, a classificação da autora sobre remissão Referencial não contempla satisfatoriamente as marcas formais obtidas no *corpus*, análise que se apoiará em Koch (1992).

O estudo da coesão textual supõe o texto como uma unidade de sentido, pois é um dos elementos responsáveis por compor essa unidade, ou seja, a *textualidade*, assim como a coerência, a informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade, a intencionalidade e a aceitabilidade. Koch (*op. cit.*) aponta a “condição não necessária” e, nem suficiente, mas desejável de sua ocorrência, uma vez que dá ao texto maior legibilidade. A autora (*idem*, p. 19) conceitua coesão textual como o que “diz respeito a todos os processos de seqüencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação lingüística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. Então, propõe duas classificações para coesão: a *referencial* e a *seqüencial*, as quais serão de grande serventia por contemplar o *corpus* obtido.

Normalmente, o enunciador utiliza uma forma remissiva (ou referencial) para não repetir um termo anteriormente empregado. Para esse processo de substituição, a língua dispõe de inúmeros recursos cuja importância se impõe destacar nas palavras da autora: “são elementos de referência os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários a sua interpretação”. Um exemplo de remissão dado: *Ele era tão bom, o meu marido!* Trata-se de um caso de referência por *catáfora*, já que a forma remissiva aparece antes do referente. De forma diferente, os mecanismos de seqüenciação são responsáveis pela interdependência das partes do texto, sendo cada uma necessária à compreensão, cf. a autora (1992, p. 49). Um bom exemplo deste é: “Ele não é muito esperto. *Pelo contrário*, parece-me bastante estúpido”; em que ocorre um caso de correção/redefinição (p. 69).

Ingedore Koch subdivide o processo referencial em: a) formas remissivas referenciais; b) formas remissivas não-referenciais<sup>2</sup>; e c) elipse.

As *formas remissivas referenciais*, além de retomar algum termo, acrescentam sentido ao mesmo, enquanto as *formas remissivas não-*

---

<sup>2</sup> Koch (1992, p. 33) evita a contradição do conceito, quando o emprega com o sentido habitual de referência na Lingüística de acepção “semântica, designando a relação que se estabelece entre uma forma lingüística e o seu referente extralingüístico”, ou seja, “dotadas apenas de funções internas à língua”.

*referenciais* retomam um termo, sem adicionar-lhe sentido. São exemplos deste último, as remissões pronominais. A *elipse* ocorre com termos, que apesar de deduzíveis, não aparecem explícitos na superfície textual.

Quanto à forma, a referenciação pode se processar através de um termo independente, por exemplo com pronome substantivo, neste caso, tem-se a *forma livre*; ou de um termo dependente de outro, como é o caso dos pronomes adjetivos, neste caso, tem-se a *forma presa*. Esta classificação é proposta por Kallmeyer (1974) sendo de grande relevância a esta pesquisa, pois se refere à estrutura dos termos analisados.

Um outro tipo de referência citado pela autora compreende aos aspectos externos e internos ao texto. Assim, a remissão à elementos que exigem conhecimento exterior ao texto, denomina-se exofórica. É “quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa”, por outro lado, é endofórica “quando o referente se acha expresso no próprio texto”, cf. Koch (1992, p. 20).

Marcuschi (1998, p. 1) e em alguns outros trabalhos mais recentes demonstra seu interesse em relação aos processos de inferenciação não-automática e de caráter cognitivo-pragmático em casos de anáfora sem antecedente. Para a análise, propõe uma nomenclatura que, em sua totalidade não será considerada neste trabalho, mas que em determinados aspectos são de grande relevância. Segundo o autor (1998, p. 2):

A noção de referência não supõe que os referentes sejam necessariamente objetos do mundo, mas pode postulá-los como objetos do discurso (...) Com isto, evita-se tomar a língua como instrumento ou como determinada e transparente. Adota-se uma noção de língua como atividade cognitiva e interativa, social e histórica, indeterminada e heterogênea.

O autor estabelece um quadro-matriz revelador dos pormenores contextuais de enunciados com anáfora pronominal sem antecedente. Para efeito de visualização, reproduziu-se resumidamente o quadro abaixo:

<i>Matriz discursiva</i>	<i>Referenciador</i>	<i>Matriz conformativa</i>
<i>A equipe média</i> continua analisando o câncer do governador Mário Covas	segundo <i>Eles</i>	<i>o paciente não corre risco de vida</i>

Essa proposta é interessante porque considera não só o referente e o elemento remissivo, mas toda a situação que os envolve, conseqüentemente, contribuindo para a construção do sentido pela ativação do conhecimento de mundo do leitor.

O processo inferencial citado muito se aproxima da coerência textual, visto que ambos são determinados pela adequação à realidade e pela conformidade lógica entre os enunciados. Enfim, todas essas propostas teóricas

tiveram grande relevância para a elaboração desta pesquisa, até o presente, considerando-se que esta é uma etapa inicial; a seguir, apresentar-se-á uma proposta de análise.

## Proposta de análise e aplicação

### JB (12/01/2004)

#### Liberadões e proibições, de Marcos Barros Pinto

Agora baile funk no Rio está liberado. Como se a ausência da lei os tivesse paralisado.

O segundo termo em destaque os surpreende pela ausência de concordância morfológica de número, mas que ocorre no âmbito das idéias, já que baile denota uma noção geral. Assim, a leitura é compreendida, por tratar-se de um caso de silepse – concordância semântica – por meio de referência anafórica.

Essa retomada do sentido foi propiciada pelo *conhecimento de mundo*<sup>3</sup>, através do qual o referente da oração anterior é destacado, o que propicia o exercício de *inferenciação* por parte do leitor que ativa a informação contida na matriz conformativa, neste caso: “*como se a ausência da lei os tivesse paralisado*”.

Koch classifica esse tipo de retomada como *remissão não-referencial* em que o elemento remissivo se apropria do sentido do termo anterior, e ainda como *forma livre* por tratar-se de pronome substantivo, isto é, de uma forma independente.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
os	Anafórica	livre	Não-referencial	Conhecimento de mundo

#### Autonomia do BC, de Belisa Ribeiro

(...) Lula dedicou parte do tempo e das conversas do fim de semana para sepultar eventuais dúvidas em sua equipe de que o tema será encaminhado e para tranquilizar setores que se abespinharam com

---

<sup>3</sup> Considera-se nesta pesquisa as noções de contexto e conhecimento de mundo propostas por Fiorin (2001, p. 218), o qual define o primeiro como “para uma dada unidade lingüística funciona como contexto a unidade lingüística maior que ela: assim, a sílaba; a oração, para a palavra; o período, para a oração; o texto, para o período, e assim por diante”; e o segundo, “dados referentes ao mundo físico, à cultura de um povo, ao conteúdo das ciências, etc., que constituem o repertório a partir do qual se produzem e se entendem textos”.

declarações do chefe da Casa Civil, José Dirceu, descartando a discussão. Mais que panos quentes, suas intervenções deixaram claro que a decisão é sua, não de seus colaboradores.

A referência de suas e sua pode ser ambígua, porque há dois referentes antepostos: *Lula* e *José Dirceu*. O esclarecimento do referente ocorre com o prosseguimento da leitura, na qual o leitor ativa seu *conhecimento de mundo* para manutenção referencial e verificar que os sintagmas, bem como os pronomes possessivos, remetem-se a Lula. Para isso é preciso considerar as situações, que o envolvem como presidente, implicadas na matriz conformativa: suas intervenções deixaram claro que a decisão é sua, não de seus colaboradores.

Os pronomes possessivos são classificados por Koch (1992) como *formas remissivas não-referenciais* – sem instrução de sentido – *presas*, pois acompanham um nome. Já o pronome substantivo recebe a mesma nomenclatura, porém se trata de uma forma *livre*. Conforme a autora, essas formas servem como conexão entre os elementos textuais, como ocorre no exemplo acima, em que a referência se limita ao pronome, enquanto a progressão textual sucede pelo nome.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>Sua</i>	Anafórica	livre	Não-referencial	Conhecimento de mundo
<i>Suas/seus</i>	Anafórica	presas	Não-referencial	Conhecimento de mundo

### Arte da Fuga – Editorial

Pela porta da frente a afronta fica maior. O cidadão do Rio, na sua condição de contribuinte, sente-se duplamente desrespeitado pelo fato e pela explicação do agente penitenciário que, ao recebê-lo como preso na Polinter, deixou o traficante Aparecido de Jesus Sabino sair da carceragem.

Há ambigüidade na interpretação do pronome oblíquo o, causada pelo apontamento que o enunciador faz anteriormente ao *cidadão do Rio* e ao *agente penitenciário*. Daí, o leitor busca a correspondência, mas se depara com uma certa incoerência que é desfeita quando aparece o referente real – *o traficante Aparecido de Jesus Sabino*. O reconhecimento é feito pelo *conhecimento de mundo* que exclui os primeiros referentes e elege o referente posterior (catáfora): o traficante Aparecido de Jesus Sabino. Trata-se, portanto, *forma livre remissiva não-referencial*.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>o</i>	Catáfora	livre	Não-referencial	Conhecimento de mundo

## Resistência, de Boechat

Um manifesto em defesa da permanência de Carlos Lessa na presidência do BNDES começou a ser articulado no Rio, sexta-feira.

Entre seus articuladores está o cientista político José Luís Fiori, da UFRJ. Ele é ligadíssimo a Maria da Conceição Tavares, hoje assessora do líder do governo no Senado, Aloízio Mercadante.

*Seus* é uma forma presa seus remissiva não-referencial denotadora da idéia de posse (autoria), neste caso, do manifesto. O contexto propiciou essa interpretação principalmente pela função morfológica do pronome possessivo, portanto o ambiente lingüístico foi fundamental neste processo.

A forma livre *Ele* é ambígua pois há dois referentes explícitos na superfície textual: Carlos Lessa e o cientista político José Luís Fiori. Neste caso, a referenciação é favorecida pela proximidade do referente e pelo conhecimento de mundo por parte do leitor para saber que a amizade existe entre Fiori e a líder do governo, a qual apoiaria seu manifesto. Entretanto, esta interpretação exige um alto grau de colaboração por parte do leitor.

Pronome	Referência	Forma	Remissão	Competência
Seus	Anafórica	presa	Não-referencial	Contexto
ele	Anafórica	livre	Não-referencial	Conhecimento de mundo

## JB (13.01.2004)

### Um estímulo à solidariedade

#### Estatuto prevê dedução no Imposto de Renda a quem cobrir despesas de idosos em situação financeira precária, de Adriana Freitas

A memória da ex-empregada doméstica Maria da Conceição não guarda idade ou sobrenome. A aparência denuncia cerca de 75 anos, mas a data de nascimento tornou-se um mistério, assim como o paradeiro da carteira de identidade e do cartão de benefícios.

O sintagma não possui co-referente explícito, pois falta o elemento responsável pela coesão. Contudo, pode-se inferir que as formas presas sua ou dela se relacionam a A aparência. Essas conexões apesar de implícitas levam o leitor a realizar a referência pelo contexto lingüístico que revela a concordância de gênero no feminino entre o nome e as possíveis formas presas.



<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>Dela/sua</i>	Anafórica	presa	Não-referencial	Contexto

**JB (20.01.2004)****Delegado diz que estava “alcoholizado”**

**SÃO PAULO** - O delegado da Polícia Federal José Augusto Bellini disse que muitas de suas conversas gravadas pela Polícia Federal durante a Operação Anaconda não podem ser tomadas ao pé da letra, já que vivia alcoholizado. Ele foi interrogado ontem pela desembargadora Therezinha Cazerta, em São Paulo.

O alcoholismo, segundo o delegado, levava-o a dizer coisas que não “correspondiam à verdade”. Em outras ocasiões, Bellini disse ter sido fantasioso para tentar impressionar a mulher, que o abandonara por causa de seus problemas com a bebida.

O delegado incluiu nessa categoria a conversa telefônica em que disse conhecer o juiz federal Ali Mazloum. Bellini disse ter citado o nome do juiz só para impressionar a mulher e fazer com que ela aceitasse um encontro.

A forma remissiva nessa categoria obriga o leitor a organizar o pensamento e a fazer um certo esforço para retomá o referente está disperso no enunciado. Então, inclui o enunciado *não “correspondiam à verdade”* dentro de uma categoria: a das inverdades. Pensando nessa dificuldade de manutenção do referente, o enunciador utilizou a marca autonímica (aspas) para destacar o enunciado e facilitar a construção referencial por parte do interlocutor. Daí, a classificação de *forma presa e remissiva não-referencial*, explicitado pelo *contexto* que possibilita a interpretação do enunciado pelo próprio ambiente lingüístico.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>nessa</i>	Anafórica	presa	Não-referencial	Contexto

**Brasil com Z**, de Belisa Ribeiro

Enquanto o Congresso reabre com os debates centrados na validade da própria convocação extraordinária e dos gastos com ela (...).

A coordenação em relação ao termo *validade* dos dois sintagmas preposicionais é opacificada em função da extensão do primeiro sintagma *da própria convocação extraordinária*, mas não prejudica o processo de coesão. O emprego do pronome pessoal *ela* no feminino se deve à concordância com o núcleo do sintagma precedente coordenado, logo Koch classifica como *forma*

*livre remissiva não-referencial*, propiciada pelo *contexto* lingüístico, cujo único nome do gênero feminino é convocação.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>ela</i>	Anafórica	livre	Não-referencial	Contexto

(...) Furlan segue para Davos, onde aproveita para conversar com o secretário de Comércio dos EUA. De lá, para Genebra. Com os colegas da Fazenda, Planejamento, Minas e Energia e Turismo, tendo à frente o presidente Lula, o encontro é com 100 empresários, sobre investimento. O produtivo, não a compra de papéis.

O sintagma encerra o texto de forma sintética recuperando o referente *investimento* com dois remissivos *produtivo* e de *não a compra de papéis*. Tem-se, portanto, um caso de *Remissão referencial*. Contudo, sua manutenção exige *conhecimento de mundo* por parte do leitor para saber que se deseja investimento mais produtivo que a compra de papéis. Neste caso, a ‘matriz conformativa’<sup>4</sup>, proposta por Marcuschi, seriam as próprias remissões: *produtivo* e *não a compra de papéis*.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>produtivo</i>	Anafórica	livre	Referencial	Conhecimento de mundo

### **Abaixo a devolução**

Chico Alencar (PT-RJ), um batalhador pela votação da lei de redução do período de recesso e pela devolução, terminou o dia chocado com as posições do comando do PT. O Professor Luizinho (SP), vice-líder do governo, disse que a devolução é demagógica. Paulo Delgado (MG), vice-líder do PT na Câmara, que a votação da redução do recesso, idem.

O primeiro processo de coesão destacado ocorre com a substituição do complemento nominal de pela devolução pela vírgula (por zero), portanto com a *Elipse* que é facilmente deduzível pelo *conhecimento de mundo* exigido ao leitor sobre a postura do deputado Chico Alencar que não aceitou o pagamento extraordinário pela convocatória. Esse tipo de coesão é legitimado pelo jornal que considera o leitor assíduo e informado dos fatos cotidianos,

<sup>4</sup> Cf. MARCUSCHI, L. A. (1998, p. 13), A matriz conformativa “gera um contexto seletivo para os elementos constituídos” anteriormente.

mas que neste caso poderia ter prejudicado a leitura de um leitor alheio a essa prática.

Para evitar a repetição do vocábulo *disse*, o enunciador deixou-o implícito e substituiu-o pela vírgula no aposto *vice-líder do PT na Câmara, que a votação da redução do recesso*. Trata-se de mais um caso de *Elipse*, identificado pelo contexto lingüístico.

O enunciador apresenta duas reivindicações feitas por Chico Alencar: *lei de redução do período de recesso e pela devolução*, e aponta dois posicionamentos contrários. A primeira considera a devolução demagógica, e a segunda sobre a redução do período de recesso é expressa pelo termo metalingüístico *idem* que equivale à idéia de idêntico, logo o referente só pode se referir à conclusão anterior (demagógica). Trata-se, por conseguinte, de uma *forma livre remissiva não-referencial* explicitada pelo contexto.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>devolução</i>	Anafórica	-	Elipse	Conhecimento de mundo
<i>disse</i>	Anafórica	livre	Elipse	Contexto
<i>idem</i>	Anafórica	livre	Remissivo não-referencial	Contexto

### O vôo da galinha, de Luís Carlos Mancini

Teríamos aí, então, em lugar de um ambicioso e sustentado projeto de crescimento do país, um verdadeiro e frustrante “vôo de galinha”.

O sintagma em destaque não possui referente evidente, percebe-se uma referência ao projeto com *frames* positivos — *um ambicioso e sustentado projeto de crescimento do país*. Além disso, o sintagma prepositivo inicial *em lugar de* denota a idéia de relação contrastiva que é ratificada pelo *frame* negativo que antecipa a forma remissiva “*vôo de galinha*”.

Com a apropriação da metáfora, todo o esquema de coesão é construído, assim como a compreensão.

Tem-se, então, um caso em que não há referente explícito, mas é construído pelo contexto. Nota-se, neste exemplo, um caso de *seqüenciação por conexão de lógica-semântica argumentativa contrastiva*, cf. Koch (*op. cit.* p. 68).

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Relação</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>Em lugar de</i>	Conexão	lógica-Seqüencial argumentativa contrastiva	seqüencial	Contexto

## Barco norueguês naufraga

Três pessoas são resgatadas de dentro com vida – Editorial

Em se tratando de título e subtítulo, nota-se uma estrutura a parte, em que ambos cooperam entre si na construção do enunciado. Assim, o termo dentro, do subtítulo, contou com o significado de *barco*, do título, para remeter sua idéia espacial. É uma *forma presa anafórica e remissiva não-referencial*, facilmente reconhecida pelo *contexto*.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>dentro</i>	Anafórica	presa	Remisivo não-referencial	Contexto

### JB (23.01.2004)

#### Unidos pelo 'Diário Oficial', de Dora Kramer

Quando da transição da ditadura para a democracia, na imposição da derrota ao candidato do partido oficial como ato fundamental para a retirada dos militares de cena, o PT esteve contra aquele projeto conduzido por Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, a bordo do PMDB.

Tão díspares eram as concepções, que o PT fechou questão e proibiu seus deputados de votarem no Colégio Eleitoral. Quem desobedeceu, teve de sair.

Observe o leitor que aqui não se pretende fazer juízo de valor, inclusive porque o PT já superou essa questão em autocrítica explicitada pelo hoje presidente da República.

Trata-se apenas de cotejar posições para demonstrar quão distanciados postavam-se os dois partidos nos momentos em que o país esteve em jogo.

A forma *presa* em destaque tem seus referentes textuais dispersos na superfície, o que exige do leitor uma retomada de três parágrafos anteriores para realizar o processo de remissão. A forma presa *dois* delimita o nome que é, na verdade, uma heteronímia de *PT* e *PMDB*, dessa forma o numeral contribui para esse processo de modo a pontuá-lo, caracterizando a *remissão não-referencial* identificada pelo *contexto*.

<i>Pronome</i>	<i>Referência</i>	<i>Forma</i>	<i>Remissão</i>	<i>Competência</i>
<i>dois</i>	Anafórica	presa	Remisivo não-referencial	Contexto

## Convergência de dados

### Tipos de referência inferencial presentes nos doze fragmentos analisados

CATEGORIAS	REMISSÃO NÃO-REFERENCIAL	REFERENCIAL	ELIPSE	SEQÜENCIAL	TOTAL
ANÁFORA	11	1	2	-	14
CATÁFORA	1	-	-	-	1
FORMA LIVRE	6	1	1	-	8
FORMA PRESA	7	-	-	-	7
CONHECIMENTO DE MUNDO	5	1	1	-	7
CONTEXTO	7	-	1	1	9

A tabela foi utilizada com o objetivo de sistematizar os dados e, com isso destacar convergências e divergências das ocorrências. A princípio pode-se concluir que há uma predominância considerável da remissão por anáfora e apenas um caso de catáfora, sendo a maioria das ocorrências por remissão não-referencial. Essa preponderância demonstra a importância da progressão textual por meio de pronomes, sejam formas livres ou presas, como pode se observar pelo equilíbrio quanto à presença destes. Vale ressaltar a coesão referencial ocorrer em apenas um fragmento e a exigência de conhecimento de mundo (economia) para sua realização.

Nota-se uma quantidade superior da referência contextual (endofórica). Embora nesta se utilize de aspectos lingüísticos para a construção do enunciado, em ambos se percebeu a necessidade da coesão por inferenciação. Dentre os recursos lingüísticos, há uma riqueza de modalidades gramaticais que contribuem para a coesão contextual, principalmente no nível morfossintático com as concordâncias, como ocorre nos fragmentos (um, cinco e sete). Os níveis semântico e lexical são vinculados, normalmente, aos aspectos exofóricos (ou de conhecimento de mundo), mas facilmente retomados na própria superfície textual.

## Conclusão

O processo de coesão *inferencial* observado na presente pesquisa evidencia três classificações principais: a remissão referencial e não-referencial, a elipse e a seqüencial. Para a constituição deste trabalho, conceberam-se os casos em que eram exigidos esforços maiores do enunciador, tanto em termos lingüísticos como em conhecimento de mundo. Em alguns casos, a coesão inferencial era facilmente identificável, principalmente, quando se exigia a competência contextual. Em outros casos, havia dificuldade para a compreensão do texto, como ocorreu no emprego da catáfora.

A partir do *corpus* analisado, conclui-se que a coesão é um processo fundamental para o estabelecimento da coerência, porque contribui para a

progressão textual através da manutenção dos sentidos, ao mesmo tempo em que é responsável por sua unidade. Daí a credibilidade do enunciador que 'funda' um contrato comunicativo com o leitor, pois, ao informar os dados novos, conta com o conhecimento do leitor em relação às informações mais propagadas na sociedade.

Ao público leitor focado pelos jornalistas do *Jornal do Brasil*, são exigidas as competências de conhecimento de mundo, construída cumulativamente pelos fatos cotidianos, e a de contexto, que envolve os aspectos lingüísticos e micro-textuais, característico ao leitor atento. Esta constituiu uma etapa inicial da pesquisa, mas deseja-se, em uma etapa posterior, pesquisar formas de aplicação dos processos inferenciais ao ensino.

## **ARAGÃO, V. P. S. & PAULIUKONIS, M. A. L. INFERENCE PROCESS IN SENSE CONSTRUCTION IN MEDIA**

**ABSTRACT:** *This paper aims at analyzing elements which retake a referent without grammatical explicitation – cohesion process. Through Cohesion Process, a reader can recognize a retaken by an activation of his implicit competence on semantic-contextual coherence. Thus, it is needed world knowledge and a subject active profile, that is to say, an interaction between locution and interlocution. It was taken as theoretical framework Discourse Semiolinguistics Analysis in its concept of Communication Contract. It will be examined opinion texts from “Jornal do Brasil” in 2004, considering its great number of readers. It will be verified how a referent is constructed textually, which instruments are used by locution (scriptor) to promote a sort of interactive success and which resources are used by a “scriptor” that could affect comprehension. Referential Cohesion (a remissive one) is approached through several researchers who treat such particularities in most grammatical possibilities – semantically, morphologically, syntactically, lexically and discursively –, proposing other terminologies. This research takes as theoretical framework Koch (1992).*

**Keywords:** cohesion; non-referential remission; free and closed forms; context; world knowledge.

### **Referências Bibliográficas**

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expressión**. Paris: Hachette, 1992.

\_\_\_\_\_. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, A. D. (org.) **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996, 05-34.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. **Texto e discurso**: mídia, literatura e ensino. Lucerna: Rio de Janeiro, 2003.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FÁVERO, L. **Coesão e coerência textuais**. 4ª ed., São Paulo, Ática, 1997.

FIORIN, J. L. Teorias do texto e ensino: a coerência. In: VALENTE, A. (org.) **Língua, literatura e ensino**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001, 209-227.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**, Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1978.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

MARCUSCHI, L. A. **Referenciação e cognição**: o caso da anáfora sem antecedente. Encontro sobre Lingüística na PG em Lingüística da UFJF, Juiz de Fora, 1998.

\_\_\_\_\_. **Dimensão discursiva das atividades de categorização e referenciação**. Reunião anual da ANPOLL, RS, 2002 (inédito).

PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. **Texto e discurso**: mídia, literatura e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

\_\_\_\_\_. **Gêneros de discurso**: tipologia textual e modos de organização discursiva. Departamento de Lingüística da UFRJ, Seminário interdisciplinar, 2003.

